

Jeremy Dronfield

O garoto que seguiu o pai para Auschwitz

Uma história real

TRADUÇÃO

Cássio de Arantes Leite



Copyright © 2019 by Jeremy Dronfield
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Boy Who Followed His Father into Auschwitz

Capa
Guilherme Xavier

Foto de capa
Neil Ferrin/ AWL Images/ Getty Images

Preparação
Lígia Azevedo

Índice remissivo
Probo Poletti

Revisão
Carmen T. S. Costa
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dronfield, Jeremy

O garoto que seguiu o pai para Auschwitz : Uma história real
/ Jeremy Dronfield ; tradução Cássio de Arantes Leite. — 1ª ed.
— Rio de Janeiro : Objetiva, 2019.

Título original: The Boy Who Followed His Father into
Auschwitz.

ISBN 978-85-470-0090-5

1. Buchenwald (Campo de concentração) 2. Holocausto, judeu
(1939-1945) — Áustria — Viena — narrativas pessoais 3. Judeus —
Áustria — Viena — História — 1933-1945 — Biografia 4. Kleinmann,
Fritz, 1923-5. Kleinmann, Gustav, 1891-1976 I. Título.

19-27078

CDD-940.5318092

Índice para catálogo sistemático:

1. Sobreviventes : Holocausto judeu : Biografia 940.5318092

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Para Kurt

e em memória de

Gustav

Tini

Edith

Herta

Fritz

A testemunha fez questão de depor. Em nome da juventude de hoje, das crianças que nascerão amanhã. Ela não quer que seu passado seja o futuro deles.

Elie Wiesel, A noite

Sumário

<i>Prefácio</i>	13
<i>Apresentação</i>	15
<i>Prólogo</i>	17

PARTE I: VIENA

1. “Quando sangue judeu pinga da faca...”	21
2. Traidores do povo	40

PARTE II: BUCHENWALD

3. Sangue e pedra: Konzentrationslager Buchenwald	55
4. O triturador de pedra	70
5. Poema pedagógico	79
6. Uma decisão favorável	92
7. O novo mundo	105
8. Indigno de viver	116
9. Mil beijos	130
10. Jornada para a morte	147

PARTE III: AUSCHWITZ

11. Uma cidade chamada Oświęcim	157
12. Auschwitz-Monowitz	173
13. O fim de Gustav Kleinmann, judeu	180
14. Resistência e colaboracionismo: A morte de Fritz Kleinmann	190
15. A bondade de desconhecidos	208
16. Longe de casa	221
17. Resistência e traição	233

PARTE IV: SOBREVIVÊNCIA

18. Trem da morte	251
19. Mauthausen	263
20. O fim dos tempos	275
21. A longa jornada para casa	289

<i>Epílogo: Sangue judeu</i>	297
------------------------------------	-----

<i>Agradecimentos</i>	305
<i>Notas</i>	309
<i>Referências bibliográficas</i>	339
<i>Índice remissivo</i>	345



Prefácio

Esta é uma história real. Todas as pessoas nela, todos os eventos, reviravoltas e coincidências incríveis vieram de fontes históricas. Quem dera não fosse real, quem dera nunca tivesse ocorrido, considerando quão terríveis e dolorosos são alguns de seus episódios. Mas tudo isso aconteceu e está na memória dos que ainda estão vivos.

Há muitos relatos sobre o Holocausto, mas não um como este. Ao mesmo tempo que a história de Gustav e Fritz Kleinmann, pai e filho, contém elementos de todas as demais, ela é bem diferente. Pouquíssimos judeus foram para campos de concentração nazistas nas primeiras detenções em massa, no fim da década de 1930, e conseguiram sobreviver até a Solução Final e a libertação. E, até onde sei, nenhuma dupla de pai e filho conheceu todo o inferno junto, do início ao fim — presenciando desde a ocupação nazista até Buchenwald, Auschwitz e a resistência dos prisioneiros contra a SS, as marchas da morte e depois Mauthausen, Mittelbau-Dora, Bergen-Belsen —, e voltou para contar a história. Certamente, ninguém que tenha deixado um registro escrito. A sorte e a coragem tiveram seu papel, mas o que no fim manteve Gustav e Fritz vivos foi seu amor e sua devoção mútuos. “O menino é minha maior alegria”, escreveu Gustav em seu diário secreto, em Buchenwald. “Damos força um ao outro. Somos um, inseparáveis.” Essa ligação passou pelo teste supremo um ano depois, quando Gustav estava a caminho de Auschwitz — praticamente uma sentença de morte — e Fritz decidiu abrir mão da própria segurança para acompanhá-lo.

É com todo o meu coração que trago à luz essa narrativa. Ela deve ser lida como um romance. Considero-me tanto um contador de histórias quanto historiador, e não precisei inventar nem embelezar nada; até os fragmentos de diálogo são citações ou reconstruções baseados em fontes primárias. A principal delas é o diário dos campos de concentração escrito por Gustav Kleinmann entre outubro de 1939 e julho de 1945, suplementado pelo livro de memórias de Fritz e pelas entrevistas que concedeu em 1997. Nenhuma dessas fontes é uma leitura fácil, seja no nível emocional, seja no literário — o diário, escrito sob circunstâncias extremas, é truncado, com frequência faz alusões crípticas a coisas além do conhecimento do leitor geral (até historiadores do Holocausto tiveram de consultar obras de referência para interpretar algumas passagens). A motivação de Gustav ao escrever não era fazer um registro, mas preservar a própria sanidade — suas referências eram compreensíveis para ele, na época. Uma vez desvendado, seu diário oferece uma visão rica e angustiante de como era viver sob o Holocausto semana após semana, mês após mês, ano após ano. De forma surpreendente, os escritos revelam a força insuperável e o espírito otimista de Gustav: “todo dia faço uma oração em pensamento”, escreveu Gustav, no sexto ano de seu cativeiro: “*Gustl, não se desespere. Agente firme — os assassinos da SS não podem destruir você*”.

Entrevistas com membros vivos da família forneceram detalhes pessoais adicionais. Tudo — da vida em Viena na década de 1930 ao funcionamento dos campos e às pessoas envolvidas — foi respaldado em extensa pesquisa de documentos, incluindo depoimentos de sobreviventes, registros dos campos e outros documentos oficiais que comprovam do início ao fim a veracidade do relato, até mesmo os episódios mais extraordinários e inacreditáveis.

Jeremy Dronfield
Junho de 2018

Apresentação

Mais de setenta anos se passaram desde os terríveis dias descritos neste livro. O relato de sobrevivência, mortes e vidas salvas da minha família estende-se a todos que têm uma ligação com esse período e que conheceram o cativeiro, perderam entes queridos ou tiveram a boa fortuna de escapar do regime nazista. É representativo de todos que sofreram nesses tempos e não podem ser esquecidos.

As experiências do meu pai e do meu irmão durante seis anos em cinco diferentes campos de concentração são um testemunho vivo das realidades do Holocausto. O espírito de sobrevivência deles, a ligação entre pai e filho, sua coragem, sem falar na sorte, estão além da compreensão das pessoas de hoje — mas foi o que os manteve vivos durante todo o calvário deles.

Minha mãe percebeu o perigo que corríamos assim que Hitler anexou a Áustria. Ela ajudou e encorajou minha irmã mais velha a escapar para a Inglaterra em 1939. Vivi sob o regime nazista em Viena por três anos até ela me conseguir uma passagem para os Estados Unidos, em fevereiro de 1941. Além de ter salvado minha vida, isso me conduziu ao seio de outra família amorosa, que me tratou como se fosse um dos seus. Minha outra irmã não teve tanta sorte. Tanto ela como minha mãe acabaram presas e deportadas, junto com milhares de outros judeus, para um campo de extermínio próximo a Minsk. Faz décadas que soube de seu destino e cheguei a visitar o lugar remoto onde foram mortas, mas o que realmente me comoveu — o que me devastou — foi ler neste livro, pela primeira vez, exatamente como aconteceu.

A sobrevivência do meu pai e do meu irmão é descrita aqui em todos os milagrosos detalhes. Voltamos a nos reunir quando, após ser recrutado para o serviço militar em 1953, regressei a Viena quinze anos depois de partir. Nos anos subsequentes, minha esposa Diane visitou Viena muitas vezes comigo e nossos filhos, que puderam conhecer seu avô e seu tio. Uma forte relação familiar sobrevivera à separação e ao Holocausto e perdura desde então. Embora não tenha nenhum trauma ou nenhuma animosidade em relação a Viena ou à Áustria, isso não significa que seja capaz de perdoar ou esquecer totalmente o passado austríaco. Em 1966, meu pai e minha madrasta vieram visitar a mim e a minha irmã nos Estados Unidos. Eles puderam assim conhecer as maravilhas do nosso novo país e também tiveram oportunidade de conhecer minha família adotiva em Massachusetts. Esse encontro muito gratificante e feliz reuniu meus entes queridos, responsáveis por minha existência e sobrevivência.

Este livro é um relato sensível e vívido, comovente e autêntico, da minha família. Não tenho palavras para agradecer a Jeremy Dronfield por reunir o material para escrevê-lo — e por fazê-lo com tamanha maestria, entremeando minhas próprias lembranças e as de minha irmã à história de meu pai e meu irmão nos campos de concentração. Tenho uma dívida de gratidão para com ele por trazer a público o que aconteceu com minha família no Holocausto e por fazer com que nossa história jamais seja esquecida.

Kurt Kleinmann
Agosto de 2018

Prólogo

ÁUSTRIA, JANEIRO DE 1945

Fritz Kleinmann chacoalhava com o trem, tremendo convulsivamente ao vento em temperatura abaixo de zero, que rugia entre as paredes do vagão de carga sem cobertura. Seu pai cochilava, exausto, encolhido a seu lado. Em torno viam-se silhuetas indistintas, o luar destacando as listras claras do uniforme e a ossatura do rosto deles. Para Fritz, chegara o momento de tentar fugir; em breve, seria tarde demais.

Oito dias tinham se passado desde a partida de Auschwitz. Havia caminhado os primeiros sessenta quilômetros, a SS conduzindo milhares de prisioneiros para o oeste pela neve, fugindo do avanço do Exército Vermelho. Tiros esporádicos eram ouvidos na rabeira da coluna, quando os que não conseguiam acompanhar a marcha eram executados. Ninguém olhava para trás.

Embarcaram nos trens com destino a outros campos no interior do Reich. Fritz e seu pai permaneciam juntos, como sempre haviam feito. Seu destino era Mauthausen, na Áustria, onde a SS se incumbia de extrair até a última gota de suor dos prisioneiros antes de exterminá-los. Cento e quarenta homens espremidos em cada vagão. No começo, precisaram ficar de pé, mas com o passar dos dias o frio matou alguns e pouco a pouco conseguiram sentar. Os cadáveres ficavam empilhados em um canto e suas roupas eram tiradas para aquecer os vivos.

Podiam muito bem estar às portas da morte, mas aqueles prisioneiros eram os sortudos, os trabalhadores úteis — a maioria de seus irmãos, cônjuges, pais e filhos haviam sido assassinados ou realizavam marchas forçadas, morrendo como moscas.

Quando o pesadelo começou, sete anos antes, Fritz era só um menino. Sua passagem à vida adulta se deu nos campos nazistas — aprendendo, amadurecendo, resistindo às pressões para renunciar à esperança. Antevendo a chegada daquele dia, havia se preparado. Sob o uniforme do campo, ele e seu pai vestiam roupas civis, que Fritz conseguira com amigos na resistência de Auschwitz.

O trem fizera uma parada em Viena, cidade que outrora fora seu lar, depois rumara para o oeste e agora se via a apenas quinze quilômetros de seu destino. Estavam de volta à terra natal, e quando conseguissem escapar poderiam se passar por trabalhadores locais.

Fritz viera postergando o momento, preocupado com o pai. Aos 53 anos, Gustav estava exausto — era um milagre ter sobrevivido até então. Na hora que mais necessitava, faltavam-lhe forças para tentar a fuga. Estava exaurido. Mas não podia negar ao filho a chance de sobreviver. Após tantos anos com um ajudando ao outro, a dor da separação seria lancinante, mas Gustav insistiu que o filho deveria escapar. Fritz implorou que fosse junto, mas de nada adiantou. “Deus proteja você”, disse o pai. “Não posso ir, estou muito fraco.”

Se Fritz não tentasse logo, seria tarde demais. Ele ficou de pé e tirou o odiado uniforme. Então abraçou o pai, deu-lhe um beijo e, com sua ajuda, escalou a parede escorregadia do vagão.

O vento cortante de trinta graus negativos o golpeou com força. Fritz perscrutou ansiosamente na direção dos vagões de frenagem adjacentes, com os guardas armados da SS em suas cabines. A lua minguante, que apenas dois dias antes estava cheia, brilhava com força no céu, lançando um clarão espectral por toda a paisagem nevada, contra a qual qualquer forma em movimento seria nitidamente visível.¹ O trem ia na velocidade máxima. Reunindo coragem e torcendo pelo melhor, Fritz mergulhou na noite, sob o rugido do ar gelado.

Parte I

Viena

Sete anos antes...

1. “Quando sangue judeu pinga da faca...”

אבא

Os dedos esguios de Gustav Kleinmann empurraram o tecido sob o calcador da máquina de costura e a agulha subiu e desceu como uma metralhadora, inserindo o fio no material em uma curva ampla e impecável. Junto à bancada de trabalho estava a poltrona onde seria usado: o esqueleto construído em madeira de faia, entremeado à malha tensa de tendões e vísceras de crina de cavalo. Quando terminou a costura, Gustav forrou os braços. Usando um pequeno martelo, pregou tachas simples por dentro e guarneceu o contorno por fora com tachas redondas de latão, encravadas com gentis batidinhas e rigorosamente espaçadas, como uma fileira de capacetes.

Era bom trabalhar. Nem sempre havia o que fazer para matar o tempo e a vida podia ser precária para um homem de meia-idade com esposa e quatro filhos. Gustav era um artesão talentoso, mas não muito hábil nos negócios, embora no fim das contas sempre desse um jeito. Nascido em uma aldeia minúscula à beira de um lago no reino histórico da Galícia,* província do Império Austro-Húngaro, fora com quinze anos a Viena para aprender tapeçaria e acabara se fixando por lá. Chamado para o serviço militar na primavera do ano em que completara 21 anos, lutara na Grande Guerra, onde fora ferido

* Parte do sul da Polônia e do oeste da Ucrânia atuais. [Todas as notas de rodapé são do autor.]

duas vezes e condecorado por bravura. Ao fim do conflito, voltara a Viena para retomar o humilde ofício, trabalhando com afinco até virar mestre artesão. Casara-se com a namorada, Tini, durante a guerra, e juntos criavam quatro filhos lindos e felizes. Da parte de Gustav, apesar da vida modesta e laboriosa que estava no caminho da felicidade, ao menos era inclinado a uma boa disposição de espírito.

O som de aviões interrompeu os pensamentos de Gustav; o zumbido aumentava e diminuía, como se eles estivessem circulando a cidade. Curioso, ele levantou e saiu.

A Im Werd era uma rua agitada e barulhenta, por causa dos cascos dos cavalos, das rodas das carruagens e de suas cabines rangentes. O ar vivia carregado com o cheiro de gente, fumo, esterco. Por um momento confuso, teve a impressão de que nevava — em março! Mas era uma nevasca de papel que caía, pousando nos paralelepípedos da rua e nas bancas do Karmelitermarkt. Gustav pegou um folheto.

POVO DA ÁUSTRIA!

Pela primeira vez na história de nossa Pátria, a liderança do Estado exige um compromisso franco com a nação...¹

Propaganda para a votação de domingo. O país inteiro falava sobre o assunto, observado pelos olhos do mundo. Para cada homem, mulher e criança na Áustria, seria algo grande, e para Gustav, como judeu, era de importância vital — uma votação nacional para decidir se a Áustria continuaria independente da tirania alemã.

Por cinco anos, a Alemanha nazista olhara com avidez para o país vizinho. Adolf Hitler, austríaco de nascimento, era obcecado pela ideia de integrar sua terra natal ao Reich alemão. Embora a Áustria tivesse seus próprios nazistas, ansiosos pela unificação, a maioria do povo se opunha a ela. O chanceler Kurt Schuschnigg estava sob pressão para entregar cargos em seu governo a membros do Partido Nazista. Hitler ameaçava com graves consequências caso não aquiescesse: Schuschnigg seria expulso do gabinete e substituído por um títere nazista, de forma que a unificação ocorreria de um modo ou de outro e a Áustria passaria a ser parte da Alemanha. Os 183 mil judeus do país viam tal perspectiva com temor.²

O mundo aguardava ansioso pelo desenlace. Numa última cartada desesperada, Schuschnigg anunciara um plebiscito em que o povo austríaco decidiria por si mesmo se queria manter a independência. Era um gesto corajoso: o predecessor de Schuschnigg fora assassinado durante um golpe nazista malogrado e Hitler estava preparado para impedir a votação a qualquer custo. A data marcada caía num domingo, 13 de março de 1938.

Bordões nacionalistas (“Sim para a independência!”) eram pregados e pintados em muros e calçadas por toda parte. Agora, faltando dois dias para a votação, aviões sobrevoavam Viena, despejando panfletos de Schuschnigg. Gustav olhou novamente para o papel.

Por uma Áustria livre e germânica, independente e social, cristã e unida! Por paz, trabalho e direitos iguais a todos que professam lealdade ao povo e à pátria.

[...] O mundo conhecerá nossa vontade de viver; assim, povo da Áustria, erga sua voz em uníssono e vote SIM!³

As palavras inspiradoras tinham um significado ambíguo para os judeus. Eles tinham suas próprias ideias sobre o germanismo — Gustav, imensamente orgulhoso de ter servido seu país na Grande Guerra, considerava-se austríaco em primeiro lugar e judeu em segundo.⁴ Contudo, estava excluído do ideal cristão germânico de Schuschnigg. Ele também tinha reservas quanto ao governo austro-fascista de Schuschnigg. Gustav ajudara a organizar o Partido Social-Democrata da Áustria. Com a ascensão dos fascistas austríacos em 1934, o partido fora violentamente esmagado e banido (junto com o Partido Nazista alemão).

Mas para os judeus da Áustria naquele momento qualquer coisa era preferível ao tipo de perseguição aberta que vinha acontecendo na Alemanha. O jornal judaico *Die Stimme* trazia a seguinte chamada nesse dia: “Apoiamos a Áustria! Todos às urnas!”⁵ O jornal ortodoxo *Jüdische Presse* fazia o mesmo apelo: “Não precisamos fazer nenhum pedido especial para que os judeus austríacos saiam e votem em peso. Eles sabem o que isso representa. Todos devem cumprir seu dever!”⁶ Por canais secretos, Hitler ameaçara Schuschnigg: se não cancelasse o plebiscito, a Alemanha faria algo para impedi-lo. No momento em que Gustav lia o folheto na rua, as tropas alemãs já se concentravam na fronteira.

Relanceando o espelho, Tini Kleinmann alisou o casaco, pegou a sacola de compras e a bolsa, saiu do apartamento e desceu a escada, o matraquear de seus pequenos sapatos nos degraus ecoando pelo poço. Encontrou Gustav na rua, diante da oficina, que ficava no térreo. Ele segurava um folheto na mão. A rua estava forrada deles, sobre as árvores, nos telhados e por toda parte. Tini viu e estremeceu. Ela pressentia algo funesto naquilo. Gustav, sempre otimista, discordava: para ele, no fim as coisas sempre se ajeitavam — e isso era tanto sua fraqueza como sua força.

Com passos rápidos, Tini atravessou a rua em direção ao mercado. Grande parte dos feirantes eram agricultores humildes que iam toda manhã vender seus produtos ao lado dos comerciantes da cidade. Muitos eram judeus. Na verdade, mais da metade do comércio local pertencia a judeus, especialmente naquela área. Os nazistas usaram essa característica para incitar o antissemitismo entre os trabalhadores austríacos, que sofriam com a depressão econômica — como se os judeus também não passassem pelo aperto.

Gustav e Tini não eram particularmente religiosos. Frequentavam a sinagoga apenas algumas vezes ao ano, em aniversários e serviços memoriais. Como a maioria dos judeus vienenses, seus filhos tinham nome alemão, não hebraico, embora seguissem os costumes iídiches, como todos os demais. Na barraca de carnes de Herr Zeisel, Tini comprou escalopes para empanar. Em casa havia sobras de frango para a sopa do Shabat, e nas barracas dos camponeses ela comprou batatas frescas e produtos para a salada, depois pão, farinha, ovos, manteiga... Tini caminhou pelo agitado Karmelitermarkt, com a sacola cada vez mais pesada. No cruzamento da Leopoldsgasse, a rua principal, notou as mulheres oferecendo-se para trabalhos de limpeza; ficavam em frente à pensão Klabouch e ao café. As felizardas seriam escolhidas por donas de casa afluentes dos arredores. Se levassem o próprio balde com água e sabão, receberiam o pagamento de um xelim. Tini e Gustav às vezes mal tinham dinheiro para viver, mas pelo menos não precisavam se rebaixar a *aquilo*.

Bordões pró-independência estavam por toda parte, pintados nas calçadas em grossas letras maiúsculas, como uma sinalização de trânsito: a palavra de ordem do plebiscito — “DIGA SIM!” — e a cruz potenteia, com quatro braços em T. Das janelas abertas vinha o som do rádio muito alto, tocando música

patriótica. Tini escutou vivas animados e o ronco de motores, então um comboio de caminhões despontou na rua, carregando adolescentes uniformizados da Juventude Austríaca, que agitavam bandeiras nas cores nacionais, vermelho e branco, e atiravam mais folhetos.⁷ A multidão os saudou, acenando com lenços, tirando o chapéu, bradando “Áustria! Áustria!”.

A independência parecia uma partida ganha... contanto que ninguém olhasse para certas expressões taciturnas na multidão. Simpatizantes nazistas. Estavam excepcionalmente quietos naquele dia — e em poucos, algo estranho.

De repente, a música animada foi interrompida e os rádios crepitaram com um anúncio urgente — todos os reservistas solteiros deviam se apresentar imediatamente para o serviço militar. A finalidade, explicou o locutor, era assegurar a ordem no plebiscito de domingo. Mas o tom era preocupante. Para que precisariam de mais soldados?

Tini fez meia-volta e atravessou de novo o mercado apinhado, dessa vez na direção de casa. Independentemente do que acontecesse no mundo, por mais perto que estivesse o perigo, a vida seguia em frente: o que a pessoa poderia fazer a não ser vivê-la?

בן

Do outro lado da cidade, os folhetos cobriam as águas do canal do Danúbio, os parques, as ruas. No fim da tarde, quando Fritz Kleinmann deixou o Liceu de Artes e Ofícios, na Hütteldorfer Strasse, na margem ocidental de Viena, continuavam pelas ruas e sobre as árvores. Roncando rua abaixo vinham colunas e mais colunas de caminhões carregados de soldados, com destino à fronteira alemã, a duzentos quilômetros dali. Fritz e os outros meninos observavam excitados as fileiras de cabeças de capacete passarem velozmente, com as armas de prontidão.

Aos catorze anos, Fritz já se parecia com o pai — tinha as mesmas maçãs do rosto perfeitas, o mesmo nariz, os mesmos lábios carnudos e recurvados como asas de gaivota. Mas enquanto o semblante de Gustav era suave, os olhos grandes e escuros de Fritz eram penetrantes como os da mãe. Ele largara a escola e nos últimos meses vinha aprendendo tapeçaria para ajudar o pai.

Quando Fritz e seus amigos voltavam pelo centro da cidade, o clima nas ruas mudou. Às três da tarde, com o desenrolar da crise, a campanha do governo